

ADOLESCÊNCIA E ESCOLA

JOSÉ PEREIRINHA RAMALHO*

O fascínio pela adolescência é de origem relativamente recente, embora antes a questão não fosse ignorada. Por exemplo Aristóteles, citado por A. Dias e T. N. Vicente (1984) considerava os jovens irascíveis, sexualmente emotivos certos da vitória e auto-confiantes, mas com sentido de solidariedade e ajuda.

Rousseau referia-se a adolescência como um segundo nascimento, tinha sobre ela um conceito idealista, o adolescente à semelhança da criança teria uma capacidade inata para o bem.

Apesar destas preocupações de carácter essencialmente filosóficas sobre a adolescência, só em 1905 aparece a primeira obra dedicada à adolescência. Stanley Hall (1905), citado por A. Dias e T. N. Vicente (1984), teria presidido ao aparecimento da Hebelogia (Hebe, filha de Jupiter e de Junon Deusa da Juventude). Mais ou menos na mesma época S. Freud publica os "Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade", obra de importância fundamental para a compreensão da sexualidade infantil e das transformações da puberdade. Hoje em dia assiste-se a um conhecimento cada vez mais sistemático e aprofundado dos fenómenos relativos à puberdade. O número de obras, artigos especializados que se debruçam sobre a adolescência é considerável. Tem-se hoje consciência de que os adolescentes constituem um grupo social particularmente rico e dinâmico. Os políticos apoiam-se neles e tentam utilizar o seu entusiasmo e a sua disponibilidade. Nas últimas eleições em Portugal, a participação de adolescentes nas campanhas de

alguns partidos foi enorme. A. Hitler arranhou-lhes um bom lugar no seio do regime nazi, utilizou-os para fins políticos com total desrespeito pela dignidade da pessoa humana e durante a guerra não poupou as suas vidas. O. Salazar, com a criação da Mocidade Portuguesa, serviu-se ele também do entusiasmo e da força dos adolescentes para o fortalecimento do seu regime. Os adolescentes, pela necessidade que têm de encontrar fora da família estruturas ou grupos aos quais se possam identificar, correm sérios riscos quando se ligam a determinados organismos que os manipulam, utilizando o seu grande entusiasmo, as suas qualidades afectivas e ambições para a sua própria satisfação.

DELIMITAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

Em relação à delimitação da adolescência, os diversos autores estão normalmente de acordo no que diz respeito a fixação do seu início. Admite-se assim que a puberdade, enquanto mudança biológica, coincide com o princípio da adolescência, isto é, por volta dos 10-12 anos para as raparigas e 12-14 anos para os rapazes. Há, como é evidente, variações individuais, as mudanças fisiológicas e psicológicas produzem-se em ritmos diferentes consoante os indivíduos.

Os limites finais da adolescência são muito mais controversos. Há contudo uma tendência geral para fixar o fim da adolescência por volta dos 18-20 anos. Esta idade

* Docente da ESE de Beja

média poderá variar de cultura para cultura, de país para país. É muito possível que em Portugal o fim da adolescência seja mais tardio que na maioria dos países do Centro e Norte da Europa onde o processo de separação-individação do adolescente é, a nível familiar e social, mais facilmente aceite. Esta idade média não impede contudo que seja possível encontrar adultos com 17 anos e outros com 25 anos ou mais que se continuam a portar como adolescentes, isto porque o fim da adolescência se deve essencialmente à existência de determinados factores psicológicos. Segundo Ladame (1981), a passagem à idade adulta (caracteriza-se pela capacidade de intimidade e a capacidade de estar só (d'être seul). M. Debesse (1956) refere-se a adolescência como sendo marcada por transformações corporais e psicológicas consideráveis, que surpreendem o próprio adolescente. A passagem para a idade adulta, segundo o mesmo autor, só se fará quando esses movimentos cessarem ou pelo menos abrandarem. Por tudo isto e por muito mais que se possa dizer, a adolescência não tem obrigatoriamente um fim, por outras palavras, nem todos passam da adolescência para o estado adulto.

CONCEPTUALIZAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

São várias as abordagens possíveis da adolescência. No prefácio à edição francesa do livro "O adolescente e a família" de J. C. Dias Cordeiro (1979), R. Diaktine refere-se à adolescência nos seguintes termos:

"O adolescente causa inquietação aos seus pais, deixando de ser a criança que eles não tiveram tempo de chegar a conhecer bem. Esta transformação, com a qual são bruscamente confrontados, é um sinal indiscutível do seu próprio envelhecimento: a sua própria adolescência está terminada. Perdida a ilusão de virem a saber tudo sobre o seu filho, que desde há muito caminhava secretamente para a autonomia, eles podem apenas notar os efeitos da

educação dada nos primeiros anos de vida, o que reflecte uma imagem deles próprios, que estão longe de aceitar facilmente. Tentativas de domínio autoritário ou de sedução que utilizam uma compreensão próxima da cumplicidade, são algumas das reacções secundárias dos pais e que obrigam o adolescente a organizar-se e a agir, assumindo comportamentos desconcertantes. Os problemas dos adolescentes não podem então compreender-se senão como uma confrontação entre gerações, tendo os pais os adolescentes que merecem."

P. Blos (1962) propõe, para designar o processo da adolescência no seu conjunto, o conceito de segunda fase de separação-individação, ao longo do qual o adolescente se deve desembaraçar do casulo familiar, isto por comparação a uma primeira fase onde a criança com 1 - 1/2 - 3 anos faz rebentar a membrana simbiótica que a liga a sua mãe.

F. Ladame (1981) conceptualiza a adolescência como uma fase específica e única do desenvolvimento humano, única porque em nenhum outro período de vida o aparelho psíquico é submetido a mudanças tão profundas e complexas, que englobam todos os sectores de funcionamento. O fim a atingir é a aquisição de uma identidade sexual fixa e irreversível.

A. Dias considera-a como uma crise normal no desenvolvimento, instalando-se durante esse período de crescimento juvenil a depressão que ele considera um processo normal da adolescência. Essa mesma depressão compõe-se, segundo A. Dias e T. N. Vicente (1984) e de acordo com Guedance (1977), por cinco lutos que são obrigatórios no desenvolvimento do adolescente:

1. luto pela fonte de segurança - É o luto pelo refúgio materno, o qual pode ser vivido de forma mais ou menos culpabilizante, disso dependendo a mãe real que será determinante no reforço ou na diminuição do peso dessa culpabilidade.

2. luto pelo ideal do Eu - O adolescente através do processo de crescimento e de autonomização vai perder a imagem dos pais idealizados e onnipotentes que

constituem a fonte do ideal do eu, sofrendo este sucessivas remodelações impostas pela prova da realidade e pela nova reordenação entre o super-Eu e o ideal do Eu.

3. luto pela bissexualidade - Até a altura vivida como potencial e como fonte normativa das identificações, vai dar lugar na adolescência à escolha de um novo objecto de amor.

4. luto pelo grupo - Permite a escolha do objecto exogânico e é sinal significativo da capacidade de estar só, própria do verdadeiro adulto.

5. luto renovado do objecto edipiano - Desinvestimento dos objectos edipianos dos pais, tornando possível um reinvestimento de uma nova relação, tanto interna como externa, com os objectos parentais.

Ainda segundo A. Dias e T. N. Vicente (1984) torna-se evidente através destes 5 lutos o quanto a adolescência é o período de vida no qual o aparelho psíquico opera as mudanças mais importantes que arrastam em si profundos sentimentos de perda, geradores obrigatórios de afectos depressivos. Não haverá portanto adolescência normal sem depressão. As formas anormais de depressão serão decorrentes de uma incapacidade de tolerância do Eu ao luto.

Ladame (1981) defende uma posição semelhante. Para ele, a modificação das estruturas psíquicas não pode ser feita sem conflitos e sem o trabalho de luto de um estatuto ultrapassado, de papéis tornados obsoletos e nos quais era impossível sentir-se em segurança. Luto, mais em profundidade de certas imagens de si e dos objectos. Segundo este mesmo autor, este difícil renunciar acarreta inevitavelmente sofrimento, angústia e depressão, não havendo adolescência normal sem depressão. Para Ladame, a semelhança de A. Dias, tudo se joga em função da capacidade do adolescente em fazer frente a esse luto, e da sua capacidade de suportar a depressão que lhe está ligada, sem recorrer a mecanismos de evitamento massivos e rígidos e sem cair na doença depressiva na qual a perda é sentida como sendo total.

Esta perspectiva da adolescência onde perda, luto e depressão são processos centrais é contrariada por A. Coimbra

de Matos (1986). Segundo este autor, num bom desenvolvimento afectivo não há propriamente perdas nem mudanças, mas evolução relacional; o indivíduo não perde a mãe e o pai - nem como objectos externos, nem como objectos internos - mas modifica progressivamente a sua relação com eles. Não será portanto, segundo A. Coimbra de Matos, muito correcto dizer-se que se trata de um luto das imagens parentais, mas sim da transformação dessas imagens e sobretudo da modificação da relação com os objectos.

Numa perspectiva sistémica, e citando A. P. Relvas, na crise da adolescência, toda a família passa também por uma crise associada a esse movimento. A família evolui por meio de um processo dialéctico e permanente de equilíbrio, crises e reequilíbrios em que participam de forma coordenada todos os seus elementos. Os seus momentos chaves são as crises, concretizam-se naqueles acontecimentos ou períodos em que surge a necessidade de provocar uma alteração qualitativa (por vezes quantitativa) das interacções que até aí se poderiam observar. A adolescência é um desses períodos (além do nascimento do primeiro filho, entrada dos filhos para a escola, sua saída de casa, casamento, morte de um dos cônjuges) de crise do ciclo vital: os subsistemas parental e filial são postos à prova. O jovem vai autonomizando-se, tornando-se independente de uma forma cada vez mais clara. Os pais vão perdendo o seu poder parental e simultaneamente aprendem a estar um com o outro, muito mais como casal do que como pais.

O PROCESSO DE SEPARAÇÃO-INDIVIDUAÇÃO

Esse processo de autonomização, de separação das figuras parentais é abordado por M. Andolfi, C. Angelo (1989) em termos de paradoxo da separação. Para estes autores, separar-se é um processo em que união e separação estão estritamente conectadas e interdependentes. Separar-se de alguém é também unir-se a outro alguém num plano diferente, proceder a uma

escolha, talvez para em seguida "reunir-se" a mesma pessoa, num nível diferente, onde a solução do paradoxo surge com o tempo. Ainda segundo os mesmos autores, a natureza da ligação não pode ser percebida por quem está envolvido ou pode sê-lo apenas confusamente. "Sair dela", mesmo que temporariamente é condição indispensável para defini-la.

Manuela Fleming (1986), numa pesquisa sobre o processo de separação adolescente-progenitores, relata-nos a história escrita por uma adolescente de 18 anos que assim fantasiou a sua saída de casa:

"Era uma vez uma jovem de 18 anos chamada Ana... Ana magoa-se fácil mas profundamente; sofre com a situação familiar mas ninguém dá por isso. Não é respeitada embora materialmente se sacrifiquem por ela. Ela sabe disso, mas depois de uma zanga com o pai decide ir-se embora. Dantes sentia-se infeliz, mas estava protegida. Agora as condições são bem piores. O futuro mostra-se negro e ela tem vontade de desistir. Só o orgulho não a deixa voltar atrás, embora o desejo de todo o coração".

Segundo M. Fleming, a evocação imaginária da saída de casa é, na maioria das histórias, associada a uma experiência de separação dolorosa. Os afectos quando expressados, são na sua maioria de culpa, remorsos a arrependimento, mal estar, ou ligados à saudade, num contexto claramente depressivo. A este respeito a autora diz-nos o seguinte: "a experiência da separação evoca em qualquer contexto ansiedade e dor, porque sentida enquanto perda. Sentimentos de luto e dor associados à imagem de separação encontram-se amplamente descritos na nossa poesia, literatura e arte... Somos um povo de navegadores, exilados, imigrantes, mas se partimos, partimos com saudade e quase sempre regressamos".

Apesar de todas estas dificuldades sentidas pelo adolescente, o processo evolutivo de separação adolescente-progenitores impõe, de acordo com M. Fleming, que o adolescente se separe da sua família, deixe os pais e venha a constituir uma nova teia de relações efectivas onde ele se possa vir a constituir em progenitor. Ainda

de acordo com a autora (1986), esta saída de casa inscreve-se no decurso dos acontecimentos do ciclo da vida, com uma ressonância interna, intensa e necessariamente dolorosa, isto porque está inserida num contexto psicológico mais vasto de separação: a separação dos objectos primitivos de amor e ódio e porque também ela é uma separação física dos pais reais e como tal reactivadora de vivências infantis de separação do objecto materno. Além destes factores internos referidos pela autora (características do Eu, experiências de separação no passado) a forma como a cultura, o meio ambiente, a escola, nomeadamente, estruturam o significado da separação constituem sem dúvida um factor importante para a facilitação ou não do processo de separação.

ESCOLA E ADOLESCÊNCIA

A escola está intimamente ligada à adolescência. Contrariamente a uma vida profissional esmagadora que pode provocar um estado adulto prematuro, não deixando tempo ao sujeito para ser adolescente, ou seja de tomar consciência dele próprio e do mundo no qual ele vai viver, a vida escolar segundo M. Debesse (1956) favorece a aprendizagem cultural, o estudo estimula a evolução do pensamento da criança, pode ainda ser para ele um meio de evasão da realidade medíocre.

Por outro lado a escola funciona como contrapeso à família, nela o adolescente faz amizades e procura o sucesso. De acordo com M. Piolat (1986) cada adolescente encontra na escola a possibilidade de comparar as normas e valores proclamadas e veiculadas no meio escolar, com as normas e valores afirmadas no seu meio familiar. Ainda de acordo com M. Piolat (1986), estas comparações são capitais porque tornam possível a tomada de consciência da relatividade das normas e valores. A escola é por este facto, um meio abundante de comparação social. A observação dos outros e o assinalamento das diferenças e das similitudes são aí intensivos.

Há uma grande heterogeneidade nas características físicas dos alunos. Na escola o adolescente pode observar as suas próprias mudanças e as mudanças dos outros.

A acção combinada destes dois meios, escola e família, pode ser muito favorável ao desenvolvimento harmonioso do adolescente, no entanto habitualmente ignoram-se, mais ainda do que nas situações em que o aluno é mais jovem. Esta situação é perfeitamente evidente a nível do nosso ensino secundário. São raros os pais que mantêm um contacto directo e constante com a escola, nomeadamente com os professores dos seus filhos, a quem frequentemente é atribuída a causa das possíveis dificuldades sentidas pelos adolescentes, num processo nítido de demissão. A escola por sua vez não faz nada ou praticamente nada para atrair os pais à escola.

Apesar de como já foi dito, a escola de uma forma geral beneficiar o processo de desenvolvimento do adolescente, ela apresenta também alguns riscos. A escolaridade pode retardar a evolução social do sujeito em benefício do desenvolvimento intelectual. Quantos jovens, enclausurados na preparação livresca dos seus exames, com falta de contactos com a vida real, amadurecem incorrectamente, mal-adaptados, tornados adultos, continuam a portarem-se como adolescentes.

O adolescente debate-se por um lado por uma necessidade de adaptação que quando exagerada pode levar ao conformismo; por outro por uma necessidade de mudança, a qual pode também quando levada ao limite provocar uma situação de oposição sem saída. É necessário por isso manter um certo equilíbrio entre estas duas funções igualmente necessárias e parcialmente antagónicas. Este é segundo M. Debesse (1956) um dos maiores problemas que se coloca à educação dos adolescentes.

O PROFESSOR

A adolescência é por excelência uma idade de mudança, de preparação, de de-

senvolvimento, e também uma idade de instabilidade. Período de crise como é referido por alguns autores em que os problemas surgem com frequência, nomeadamente na escola. Segundo M. Debesse (1956), o professor deverá estar atento a esses mesmos problemas. Nomeadamente não deve deixar-se apanhar de surpresa pelas mudanças que se produzem: transformações orgânicas da puberdade, evolução dos interesses, instabilidade e inquietude, o de-sejo de se distinguir dos outros, etc. são dados que o professor tem de conhecer de forma a que ele possa ajustar a sua intervenção. Exige da parte dele uma certa maleabilidade, se ele se deixar ultrapassar, ele corre o risco de perder a sua influência ou mesmo servir de alvo.

É necessário também que ele tome certas precauções, nomeadamente deve individualizar o mais possível a educação. Cada adolescente é um caso distinto e deve ser tratado como tal. É de referir que nesta idade a acção educadora depende bem mais do que nas idades precedentes das diferenças que se precisam entre rapazes e raparigas.

Ainda de acordo com M. Debesse (1956), a educação dos adolescentes coloca novos problemas ao pedagogo:

- - educação física em paralelo com o crescimento do corpo
- - a educação sexual da puberdade
- - o problema da educação moral e da formação do carácter em função do movimento de auto-afirmação.

Para os resolver não há soluções únicas. A resolução destes problemas será facilitada na medida em que o educador se esforçar em manter o contacto e a confiança dos adolescentes. Uma atitude compreensiva é nesta altura mais necessária do que nunca, ela implica simultaneamente tolerância e firmeza.

A figura do professor reveste-se para o adolescente de uma grande importância. Um texto de S. Freud ilustra significativamente esse aspecto:

"...Ora a minha emoção quando do encontro com o velho professor leva-me a uma confissão: não sei o que nos absorvia mais e tinha para nós maior importância, se as matérias científicas que nos ocupavam ou a personalidade dos nossos mestres. Em todo o caso, estes últimos eram para todos nós objecto de uma corrente subterrânea de sentimentos que jamais se esgotava e, para muitos, o caminho para a ciência tinha forçosamente de passar por eles..."

Procuravamos-lhe os favores ou afastávamo-nos; imputávamos-lhe simpatias e antipatias que, provavelmente, não existiam; estudávamos-lhe o carácter, que nos servia de modelo na formação ou deformação do nosso. Eram eles que nos provocavam as revoltas mais violentas e nos constrangiam a uma submissão total; espiávamos as suas fraquezas e orgulhávamo-nos das suas grandes qualidades, do seu saber e do seu espírito de justiça. No fundo, estávamos prontos a dedicar-lhes grande amor desde que para eles nos dessem o menor motivo, embora não saiba se todos os nossos mestres tinham disso consciência. Mas, há que reconhecer tomávamos a seu respeito uma atitude muito particular, em que os interessados viam sem dúvida uma certa má vontade. Perante eles, tendíamos subitamente para o amor ou para o ódio, para a crítica como para a admiração. A psicanálise chama ambivalência a esta disposição e não tem qualquer dificuldade em lhe descobrir a origem...

"...Compreendemos hoje as nossas relações com os professores. Esses homens que não eram nossos pais, passaram a ser seus substitutos. Esta a razão por que nos pareciam tão maduros, tão inacessivelmente adultos, mesmo quando eram ainda muito jovens. Para eles transferimos o respeito e as esperanças que nos inspirava o pai onisciente da infância e começamos a tratá-los como em casa tratávamos os nossos pais. Opunhamos-lhes a própria ambivalência que havíamos adquirido na nossa família, e em consequência lutávamos contra eles como nos habituávamos a fazer contra os nossos pais de sangue. Sem esta relação profunda com a infância e a vi-

da de família, o nosso comportamento em relação aos mestres seria incompreensível e seria impossível também encontrar para ela uma desculpa"

Psicologia do aluno do liceu
S. Freud

CONCLUSÃO

A adolescência, período de crescimento, de crise como é referido por alguns autores, é na sua essência um processo de "partida", de autonomização, de separação, normalmente marcado por afectos depressivos, culpabilizantes, em que o adolescente sente que é necessária a sua desvinculação das figuras parentais, mas ao mesmo tempo recela essa separação. Esse mesmo processo pode ser vivido de uma forma mais ou menos dolorosa pelo adolescente e pela sua família, a qual segundo uma perspectiva sistémica passa também por uma crise associada a esse movimento, em que os subsistemas parental e filial são postos à prova. A escola, em princípio, funcionará como contrapeso à família. Nela o adolescente tem a possibilidade de realizar novos investimentos e através deles fortalecer o seu processo de autonomização.

A figura do professor reveste-se de uma importância fundamental para o adolescente. Numa relação pedagógica, toda a dinâmica da pessoa que é o professor é posta em jogo, dessa relação dependerá em grande parte a integração e a assimilação dos conhecimentos escolares.

BIBLIOGRAFIA

- ANDOLFI, M.; ANGELO, C.; (1989) *Tempo e mito em psicoterapia familiar*, Porto Alegre.
CAMPOS, B.; P., e SOARES, I.; (1988) "Vinculação e autonomia na relação do adolescente com os pais", in *Cadernos de consulta psicológica*, nº 4 p. 57-63.

CORDEIRO, D., J.; (1987) "Normalidade/psicopatologia na adolescência", in *Revista Portuguesa de Psicanálise* nº 5 p.31-45.

DEBESSE, M., (1956) "De la naissance a l'adolescence", in *Cahiers de pedagogie moderne* nº 1 p. 70-143.

DIAS, C., A., e VICENTE, T., N.; (1984) *A depressão no adolescente, Porto.*

FIGUEIREDO, E.; (1986) "A adolescência e a família Dora". Homenagem a Freud. in *Revista Portuguesa de Psicanálise* nº 4 p. 51-55.

FLEMING, M.; (1986) "Imaginário adolescente sobre a saída de casa", in *Revista*

Portuguesa de Psicanálise nº 4 p. 133-140.

FLEMING, M; FIGUEIREDO, E; (1987) "Insucesso escolar e auto-avaliação", in *Psicologia (Revista da Associação Portuguesa de Psicologia)*, Vol. V nº 3, p. 287-289.

MATOS, A. C; (1986) "O primeiro amor" in *Psicologia (Revista da Associação Portuguesa de Psicologia)*, Vol.V nº 1, p. 39-43.

PIOLAT, M; (1983) "Identidade e experiência escolar no Início do Ensino Secundário", in *Análise Psicológica* nº 1, série V, p. 67-90.

OUÇA DIÁRIAMENTE DAS 6 às 2 da MANHÃ

FM - 104.5 Mhz



Rua da Misericórdia, 4 - Telef. 26477
7 800 BEJA

 **NISSAN**


BEJAUTO
BARRADAS & SILVA. COMÉRCIO RAMO AUTOMÓVEL, LDA.


BEJA

PRACA DIOGO FERNANDES - 6 7800
ALMODÓVAR
Telef. 088.4 24 19
ESTRADA NACIONAL

MOURA
Telef. 085. 2 26 37
LARGO S. FRANCISCO

*UMA VASTA GAMA
DE VIATURAS
À SUA ESCOLHA*

 **FORD**
NEW HOLLAND



TORRE

CONCESSIONÁRIOS - IMPORTADORES

CAEIROS, LDA.

- VENDAS ☎ 25046
- PEÇAS E SERVIÇOS ☎ 25045

VARIANTE E.N. 18 ★ 7800 BEJA